

POEMAR A PRÓPRIA VIDA: SLAM ESCOLAR E A EDUCAÇÃO A PARTIR DA IDENTIDADE DA/O SUJEITO-ALUNA/O

TO POEM ONE'S OWN LIFE: SCHOOL SLAM AND EDUCATION BASED ON THE IDENTITY OF THE SUBJECT-STUDENT

POEMAR LA PROPIA VIDA: SCHOOL SLAM Y EDUCACIÓN A PARTIR DE LA IDENTIDAD DEL SUJETO-ALUMNO/A

Rafael Calado Alves Pereira¹
Jesus Alexandre Tavares Monteiro²

Resumo

A proposta deste texto é realizar um debate sobre identidade, cultura e resistência, a partir da prática pedagógica do duelo de poesia marginal Slam. Objetiva, também, analisar o Slam como um elo entre a escola e os diversos sujeitos, uma prática educativa que dialoga com a realidade dos estudantes, realizando um processo de “reexistência”, em que esses discentes reafirmam sua cultura e recriam o espaço escolar a partir de sua própria identidade cultural. Para tal, metodologicamente, optamos por construir uma revisão bibliográfica centrada nos temas resistência, identidade, cultura e educação, dialogando com a teoria de Lev Vigotski e bell hooks, procurando apresentar outra percepção sobre a interação entre escola, prática educativa e o sujeito aluno, em conjunto com uma pesquisa baseada no acompanhamento da prática dos educandos nos encontros de Slamer.

Palavras-chaves: Poesia marginal; Linguagem; Cultura; Resistência.

Abstract

The purpose of the text is to carry out a debate on identity, culture, and resistance based on the pedagogical practice of the marginal poetry duel, Slam. The proposal is to analyze Slam as a link between the school and these different subjects, an educational practice that dialogues with the reality of the students, carrying out a process of "reexistence", where students reaffirm their culture and recreate the school space from their own cultural identity. The idea presented in this article is to discuss the themes of resistance, identity, culture, and education, dialoguing with the theory of Levi Vigotski, and bell hooks, seeking to present another perception about the interaction between school, educational practice, and the student subject.

Keywords: Fringe poetry; Language.; Culture; Resistance.

Resumen

El texto tiene como propósito realizar un debate sobre identidad, cultura y resistencia, a partir de la práctica

¹ Mestre em Educação pela Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações (UNINCOR). Docente da Educação Básica da Prefeitura Municipal de Ibité-MG. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8412-2029>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8718833774392693>. E-mail: rafael.pereira@aluno.unincor.edu.br

² Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Docente do Mestrado Profissional em Gestão Planejamento e Ensino (UNINCOR). Docente na Universidade Estado de Minas Gerais (UEMG) e na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/MG). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5401-9677>. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4375728345187321>. E-mail: jesus.alexandre@ymail.com

pedagógica del duelo de poesía marginal, Slam. La propuesta es analizar el Slam, como un vínculo entre la escuela y estos diferentes sujetos, una práctica educativa que dialoga con la realidad de los estudiantes, realizando un proceso de “reexistencia”, donde los estudiantes reafirman su cultura y recrean el espacio escolar desde su propia identidad cultural. La idea presentada en este artículo es discutir los temas: resistencia, identidad, cultura y educación, dialogando con la teoría de Levi Vigotski, y Bell Hocks, buscando presentar otra percepción sobre la interacción entre escuela, práctica educativa y sujeto-alumno, conjuntamente con una investigación basada en el seguimiento del desempeño de los estudiantes en los encuentros de Slam.

Palabras clave: Poesía marginal; Idioma; Cultura; Resistencia.

Introdução

A proposta deste artigo é analisar a prática do *Poetry Slam* à luz do debate teórico sobre a identidade e os apontamentos poéticos de jovens *slammers* (nome dado as poetisas e poetas praticantes do *Slam*), por meio de uma pesquisa bibliográfica e das vivências de práticas educativas das/os estudantes e educadoras/es. Repensar o *Slam* no contexto escolar, como metodologia ativa, mobiliza a discussão da identidade na formação de adolescentes praticantes da batalha. Estes, incentivados pelo duelo de poesia, praticam a escrita livre poética – uma alternativa para se pensar os multiletramentos presentes no contexto escolar. A *Poetry Slam* é um instrumento potencializador de pertencimento a espaços e tempos de ensino-aprendizagem, produtor de autonomia, reflexão e de inquietações para os contextos sociopolíticos e culturais atuais.

A palavra *Slam* é uma onomatopeia, que, na língua inglesa, é usada para identificar o bater de uma porta ou janela. Assim como propõe seu significado, as poesias produzidas pelos *slammers* soam como uma batida forte, produzindo uma reflexão imediata nos/as expectadores/ras. São intrigantes, geram inquietude e provocam diversos sentimentos. Essa poesia, quando produzida por adolescentes, nos provoca e aponta para uma realidade que, para muitos educadores, pais, familiares e demais pessoas, poderiam passar despercebida. Afinal, como bem defende Vigotski (2008), Paulo Freire (2006) e Bell Hooks (2017), as crianças e adolescentes formam-se culturalmente e chegam à escola com um grande conteúdo, que, muitas vezes, é ignorado completamente durante o processo educacional. O/a educando/a, por meio da sua bagagem cultural e da prática do *Slam*, apresenta-se para a escola não só como um simples

receptáculo de conteúdo oriundo dos currículos, mas como um ser pensante, ou seja, atora e ator que reflete sobre sua conjuntura, interage com seu meio social, resiste e pondera.

Podemos enquadrar a prática do *Slam* nas escolas como instrumento de letramento de “reexistência”, o que, segundo Souza (2011), são habilidades para além do ato de ler e escrever, podem ser entendidas também como formas nas quais os estudantes constroem suas relações de identidade. Segundo a autora, essa concepção nos permite entender as funções que o próprio letramento assume na sociedade, para uma lógica, como já se entende na BNCC, do chamado Multiletramento.

Os letramentos de reexistência mostram-se singulares, pois, ao capturarem a complexidade social e histórica que envolve as práticas cotidianas de uso da linguagem, contribuem para a desestabilização do que pode ser considerado como discurso já cristalizados em que as práticas validadas sociais de uso da língua são apenas as ensinadas e aprendidas na escola formal. (Souza, 2011, p. 36).

O *Slam* se apresenta como uma ferramenta de prática educativa. Em um ambiente escolar, ele pode se apresentar como um instrumento de representação da identidade de educandas/os. Apesar das/dos estudantes compartilharem o mesmo ambiente diariamente, essa representação da identidade pode ser apagada ou simplesmente ignorada pelo sistema educacional, pelos currículos e pela proposta de ensino. Segundo Neves (2017), o *Slam* envolve práticas sociais específicas de leitura e escrita. Os seus versos tematizam criticamente a atualidade, reivindicam um verdadeiro exercício de cidadania, refletem sobre educação, violência, realidade e resistência. São modos de versar não autorizados, desvalorizados e rejeitados por ecoarem uma cultura jovem, popular, negra, pobre e feminista, de moradores da periferia (Neves, 2017).

Essa poesia marginal também se apresenta como expressão da ideia de identidade, que rompe com o modelo disciplinador do ambiente escolar. Os estudantes-slammers transgridem a cultura legitimada pela instituição escolar e, ao mesmo tempo, apresentam-se dentro dela, em um ato que, segundo Souza (2011), representa a “reexistência”, o que ultrapassa a resistência. Em suma, as/os estudantes não deixam de valorizar a cultura letrada escolar, mas a reformulam,

a redizem, imprimindo nela suas identidades. Ali, em versos, os/as estudantes-slammers reagem, rejeitam, revoltam-se, reconhecem-se e resistem.

O ambiente que os/as estudantes da periferia de vários estados do Brasil encontram no *Slam* Interescolar não se configura como um cenário de disputas e rivalidades, mas como um espaço de partilha, onde estão presentes um conjunto de sentimentos materializados e congregados por meio de seus saberes. Em suma, ocorre uma apropriação institucional de práticas de multiletramentos situadas e marcadas pela resistência e subversão da palavra falada (*Spoken Word*) – seus modos de existir.

Nossa pesquisa encontra-se no campo da prática das trocas de saberes e reflexões, trazendo uma revisão bibliográfica em diferentes plataformas de pesquisa educacionais, associando a temática da poesia marginal, mais especificamente o *Slam*, aos debates de identidade. Segundo Marconi e Lakatos (2003), revisar uma bibliografia é buscar os diálogos presentes na atualidade sobre uma determinada temática. Entretanto, os resultados diminutos de nossa pesquisa bibliográfica sobre publicações direcionadas à temática do *Slam* nos trouxeram a demanda emergencial que justifica o desenvolvimento deste artigo. O uso do diário de campo como um dispositivo de (in)formação no campo da pesquisa foi outra ferramenta instituída de acordo com a necessidade de explicitar o debate vivenciado pelos autores desta pesquisa e em consonância com o público, nas apresentações e oficinas dos eventos constituídos nas escolas municipais e estaduais como preparação para os *Slams* estaduais nos municípios de Belo Horizonte e Campinas.

Dessa forma, o texto se divide em quatro partes: a primeira é a introdução, que apresenta o *Slam*, inserindo a prática no ambiente escolar; a segunda é uma breve discussão histórica, contextual e performática do *Slam*; a terceira é a apresentação de leituras sobre a interculturalidade, identidade e resistência, tomando como referência poemas de atuação dos jovens, retirados da publicação fruto do livro: “Das Ruas Para as Escolas Para as Ruas: Slam Interescolar-SP5 (Assunção, Jesus & Santos, 2021); e, por fim, a quarta traz as considerações finais”.

O Slam, poesia marginal que sai do espaço urbano e adentra o ambiente escolar

O duelo de poesia (*Slam*) começou na década de 1980. Segundo D'alva (2011), ele foi introduzido na cena poética de Chicago, nos EUA, por um operário da construção civil chamado Marc Kelly Smith. A proposta do duelo encontrou um ambiente propício na cidade, território com tradição de poesia falada (*readings* e *spoken words*). A proposta foi criar um evento poético chamado *Uptown Poetry Slam*, para a popularização da poesia em contraponto aos círculos fechados dos saraus. Primeiramente, a apresentação se organizou como performances poéticas e, posteriormente, passou a ter caráter de competição. A prática do *Slam* pode ser associada à cultura *Hip Hop*, já que as poesias são a manifestação de uma população marginalizada, escondida dos grandes círculos da produção acadêmica.

A batalha de poesia falada do *Poetry Slam* possui algumas regras principais: as competidoras e os competidores têm três minutos para apresentar suas poesias autorais e inéditas naquela competição, sem o auxílio de adereços ou de acompanhamento musical. A poesia será julgada pelo público e por jurados imediatamente após a apresentação, em uma escala de zero a dez. O júri é constituído por pessoas escolhidas aleatoriamente na plateia (D'alva, 2011).

Na prática do *Slam*, o significado dos poemas se constitui por meio da narrativa em primeira pessoa, na intensidade afetiva exposta no tom de voz, na corporeidade e no relacionamento com o público. A teatralidade das performances, a dinâmica da respiração e a expressão corporal estabelecem uma comunicação ampla. A experiência da poesia deixa de ser sobre o privado e exerce uma relação dialógica entre autor e público.

Por estar inserido no contexto do *Hip-Hop*, o *Slam* é uma manifestação da cultura marginalizada, cujas batalhas não têm como objetivo promover as/os participantes como grandes produtores de literatura e poesia, mas sim dar voz aos diversos sujeitos inseridos nesse contexto dos grandes centros urbanos do século XX. O *Slam* é uma performance identitária marginalizada que permite conexões e encontros num espaço cultural aberto; um exemplo de poesia engajada e cooperativa; um espaço onde a palavra é compartilhada entre todas/os sem hierarquia; um círculo poético através do qual as demandas urgentes de determinada

comunidade e suas questões mais tocantes são apresentadas, contrapostas e organizadas de acordo com seu contexto social e histórico a partir de suas experiências (D'alva, 2011).

No Brasil, o primeiro *Slam* de poesia foi o “ZAP! Slam”³, organizado por Roberta Estrela D’Alva desde 2008, em São Paulo, por meio do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos. D’alva, além de ser responsável pela organização do primeiro evento de *Poetry Slam* no Brasil, foi a primeira *slammer* brasileira a participar da Copa do Mundo de Slam,⁴ em 2011, e a primeira pesquisadora a publicar um artigo sobre a cena do *Poetry Slam* em São Paulo.

O segundo evento organizado no Brasil foi o *Slam* da Guilhermina, criado por Emerson Alcalde, poeta e *slammer*. A batalha acontece desde fevereiro de 2012, ao lado da estação de metrô Guilhermina-Esperança, na Zona Leste de São Paulo. Inspirado pelos duelos de MCs, Alcalde inovou, criando uma batalha em que o público se mistura entre seguidores dos *slammers* e pessoas que transitam pelo local ao sair da estação de metrô. Emerson Alcalde também é o idealizador e criador do *Slam* Interescolar, inspirado pela Copa do Mundo de *Slam* de 2014, quando o poeta assistiu a um duelo entre escolas no Théâtre Belleville, de Paris. Ao voltar ao Brasil, ele propôs ao *Slam* da Guilhermina organizar um campeonato de poesias entre as escolas de São Paulo, tal qual viu na capital francesa (Neves, 2017).

Em 2015, Alcalde procurou escolas das redondezas da Zona Leste de São Paulo, promoveu workshops, ministrou palestras falando a respeito do *Poetry Slam*, ofereceu oficinas de escritas poéticas, mostrou vídeos de eventos dos *Slams*, com o intuito de incentivar professoras e estudantes. Com a ajuda de amigos poetas, Emerson Alcalde organizou o primeiro *Slam* Interescolar de São Paulo. O processo deu frutos e, em 2016, o segundo *Slam* Interescolar contou com 20 escolas, sendo 19 públicas (estaduais e municipais) e uma particular.

Com o passar dos anos, o evento se espalhou pelas escolas do Brasil e, em 2019, o movimento conseguiu promover o primeiro *Slam* Interescolar Nacional, que contou com a participação de 76 estudantes dos ensinos médio e fundamental, dos estados da Bahia, Espírito

³ ZAP é uma abreviação de Zona Autônoma da Palavra, primeiro *Poetry Slam* do Brasil. Recuperado de: <https://ponte.org/zap-slam-a-primeira-batalha-de-poesia-do-brasil/>

⁴Texto escrito por Emerson Alcalde em 2014 falando sobre sua brilhante participação. Recuperado de: <https://www.periferiainvisivel.com.br/copa-do-mundo-de-slam-de-poesias-paris/>

Santo, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. O evento vem ganhando força e, mesmo com o processo de isolamento resultante da pandemia de Covid-19, teve sua realização de forma on-line nos anos de 2020 e 2021 (Assunção et al., 2021).

Na batalha de *Slam*, a performance acaba proporcionando uma estética muito específica, que supera os limites da oralidade, dialogando com a imagem, a escrita, a corporeidade, a historicidade e com a prática do discurso. O público é peça integrante da batalha. Desse modo, os espectadores reagem ao final da performance poética do *slammer*, uma vez que ela pode provocar ódio, paixão, desejo, dor e admiração. Essa é uma relação que pode ser associada ao conceito de Catarse de Vigotski (1999), em que o autor descreve o processo de como a arte faz uma síntese entre forma e conteúdo, passando do plano individual, isto é, do artista que trabalhou a obra, para além da emoção inspiradora, para o plano social, da transformação da emoção ao sentimento.

Para Vigotski (1999), a arte é a representação de um todo, por isso, seu efeito deve ser analisado de forma ampla, não como fruto de uma só indivíduo (artista), visto que ela é parte de um todo, um coletivo que envolve a/o artista, a obra, o público e a história.

Ainda conforme o autor, a arte está em permanente relação com a realidade objetiva, intrinsecamente ligada à vida e às relações sociais de determinados contextos e períodos históricos, de modo que, para entender as manifestações artísticas, seu conteúdo e estilo devem levar em consideração a realidade na qual ela se insere e analisá-la a partir de determinado contexto.

No duelo, está presente a produção do *slammer*; mas, ali, também se envolve o público, que é um participante ativo. Pensando a arte, como descreve Vigotski (1999), a relação entre o artista e a obra, após a criação, não pertence mais somente ao artista, mas sim a cada ouvinte e a cada espectador de maneira diferente e única, causando um processo de catarse, que se define de forma ímpar em cada indivíduo.

Cultura, identidade e resistência nas poéticas do *Slam*

A tríade cultura, identidade e resistência se associa diretamente ao ser humana/o ativo, histórico e dialético de Vigotski (1999). Segundo o autor, pensar em cultura é pensar na/o indivíduo em seu processo de desenvolvimento.

[E]m sentido mais amplo significa que todo cultural é social. Justamente a cultura é um produto da vida social e da atividade social do ser humano, por isso a própria abordagem do problema do desenvolvimento cultural da conduta nos leva diretamente ao plano social do desenvolvimento (Vigotski, 1995, p. 151).

Dessa forma, para imergir na cultura, é preciso embrenhar em si mesmo. É necessário compreender que mulheres e homens ativas/os e autônomas/os está imerso em sua cultura e nela se transforma em busca de uma identidade arqueável com o contexto, a história, os grupos e os seus afetos. A autora e o autor de sua história compreende que a busca por sua autonomia não será algo passivo e linear, mas um processo instituído em resistências, que o mobilizam a ser uma nova ou novo indivíduo.

Hooks (2017) associa a transgressão ao ato de resistir. Ensinar a transgredir é ensinar a ler a cultura e seus comportamentos sociais, é se antepor às suas exigências ideológicas. Nas palavras da própria Hooks (2017, p. 26), a educação é o “agir e refletir sobre o mundo a fim de modificá-lo”. Resistir é encontrar sua identidade em uma cultura belicosa e, aos menos favorecidos, é refletir sobre o mundo, mudá-lo e, acima de tudo, compreender em seus afetos a forma de um saber transgressor. É identificar na cultura e em si mesmo um pensamento crítico, que cura. “Essa experiência “vívida” de pensamento crítico, de reflexão e análise se tornou um lugar onde eu trabalhava para explicar a mágoa e fazê-la ir embora. Fundamentalmente essa experiência me ensinou que a teoria pode ser um lugar de cura” (Hooks, 2017, p. 85). No mesmo campo, Paulo Freire (2005) afirma que é a “força criadora do aprender” que está presente a comparação, a constatação, a dúvida e a curiosidade. Elementos que devem ser apreciados no processo de ensino e entendidos como ferramentas para superar os efeitos negativos de uma pedagogia descompromissado com o protagonismo estudantil.

Cultura

Vigotski (1995, p. 152) afirma que “a cultura não cria nada, tão só modifica as atitudes naturais em concordância com os objetivos dos homens”, o que nos prescreve os processos educativos como ações intencionais orientadas por objetivos na constituição de uma cultura. Em sequência, a poesia de Rafaela Rodrigues Marcondes, 14 anos, apresentada no *Slam Interescolar-SP 2018*, nos orienta sobre a temática da cultura⁵

Tá carregada
 e você tá na mira da minha rima
 e a bala vai sair cortada
 e acertar tua mente quadrada
 é que hoje eu tô no tráfico
 me enquadra
 e vê se acha toda a verdade
 que eu tô portando pra falar
 na minha mochila tem uns pacotes
 de 5, de 10, é só chegar
 conteúdo? Poesia
 te garanto que numa brisa louca tu vai
 ficar
 vai até bater uma larica
 mas é só pegar caneta e papel
 que vai passar
 pode chapar
*bebe uns corote de conteúdo e dá pt de
 informação
 vamos marginalizar
 e escrever nossos versos no busão
 Baile da Gaiola? Baile?
 Já pensou no sarau da Gaiola?
 as mina recitando
 os mano mandando a rima*

representando a voz da periferia
 sabe o que eu vou injetar?
 umas doses de empoderamento
 eu vou dopar e dar uma cheiradinha
 em conhecimento
 LSD? pode usar
 liberdade, salvação e defesa
 da quebrada
 eu não vou deixar
 a sociedade colocar uma corda no meu
 pescoço colocar
 empurrar meu futuro brilhante
 e me deixar presa no que seria meu
 destino
 e sabe o país que eu quero?
 "o ovem no país sendo levado a sério
 quem corre atrás, labuta, nunca perde a
 luta"
 e por mais que pareça pouco
 nossa luta vai começar na poesia
 na liberdade de expressão
 a salvação serão os versos
 e vai ter defesa
 de uma favela que eu tenho certeza
 que ainda tá viva

Segundo Candau (2011), não há educação que não esteja imersa nos processos culturais do contexto em que se situa. Nesse sentido, não é possível conceber uma experiência pedagógica desvinculada totalmente das questões culturais da sociedade. Existe uma relação intrínseca entre educação e cultura. Esses universos estão profundamente entrelaçados e não

⁵ Assunção, C. A.; Jesus, E. A.; Santos U. S. (2021). *Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas: Slam Interescolar-SP*. São Paulo: LiteraRua. p. 66-67.

podem ser analisados a não ser a partir de sua íntima articulação. Vigotski (2021) coloca a cultura como centro organizador dos processos educacionais:

Há todos os fundamentos para supor que o desenvolvimento cultural consiste na assimilação de meios de comportamento que têm por base a utilização e emprego de signos para a realização de determinada operação psicológica, que o desenvolvimento cultural consiste no domínio desses meios auxiliares de comportamento que a humanidade criou no processo de seu desenvolvimento histórico e que são a língua, a escrita, o sistema de cálculo, entre outros (Vigotski, 2021, p. 76).

O domínio das funções da linguagem apropriadas pela cultura promove a condição de articulação de saberes, conhecimentos e a geração de uma aprendizagem geracional, tal como fica visível neste verso: “[...] mas é só pegar caneta e papel que vai passar pode chapar bebe uns corote de conteúdo e dá pt de informação vamo marginalizar e escrever nossos versos no busão [...]” (Assunção et al., 2021, p. 66). A cultura da/o aluna/o atravessa e condiciona o saber para além do conhecimento formal, numa espécie de apropriação de um mundo próximo à sua realidade. Candau (2008) defende que uma real perspectiva intercultural é aquela que promove uma educação para o reconhecimento do outro, para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais.

Uma educação para a negociação cultural, que enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos socioculturais nas nossas sociedades, é capaz de favorecer a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente incluídas. Para tal entendimento, o *Slam* escolar representa essa resistência quando realiza esse confronto entre ideias diferentes expostas por estudantes com amplas diferenças, expondo suas críticas, anseios, pensamentos e posicionamentos através dos espaços que a prática do *Slam* pode oferecer.

A aluna ou o aluno *slammer* utiliza sua linguagem, não a formal defendida no currículo escolar, mas a que representa sua vida cotidiana, seus antepassados e as experiências vivenciadas por ele ou ouvidas ao longo de sua pouca idade. Ele expressa as dores de sua formação familiar, as violências cotidianas de seu bairro e as inquietudes da adolescência

encarnadas em três minutos que pertencem apenas a ele. São seus três minutos de liberdade de expressão, quando ninguém impede seu livre pensar. Ali, ele reexiste, resistindo à educação bancária e pouco integrada à sua realidade, e existe, posicionando-se como um indivíduo inserido naquele espaço com sentimentos, ideias e vontades.

Sendo assim, a prática do *Slam* se apresenta não só como ferramenta pedagógica, mas como um instrumento de manifestação e reafirmação de identidade, manifestação de sentimentos e posicionamento de jovens e adolescentes frente a essa sociedade com a qual eles convivem, dialogam e resistem. Ali, em seus três minutos de fala, nasce o grito de liberdade desse estudante, sem imposições ou restrições, visto que sua fala será respeitada, sua manifestação ouvida e sempre apreciada.

O modelo educacional que busca um processo simplesmente, organizado preocupado com o repassar a informação. Tentando jogar informações sem nenhuma relação com a vida dos estudantes, é reacionário e enxerga a escola como um espaço onde os professores devem se preocupar em passar conteúdo, se digladiar para debater um currículo e correr contra o tempo para apresentar todo o portfólio de seu trabalho estruturado no índice do livro didático. Porém, entendemos que a escola deve ir contra essa proposta e procurar se relacionar, conhecer e aprender com a comunidade na qual ela se insere. E evitar que a interação aluna/o e professora/o ocorra de forma esporádica e restrita aos festejos e reuniões, estabelecidos por um calendário escolar.

E é nesse cenário desassociado do cotidiano do educando que emerge uma série de anseios e insatisfações, que borbulham internamente e ganham forças no processo de interação social, no diálogo com o colega, no relato de suas professoras. E são essas experiências, somadas às vivências adquiridas do educando ao longo de sua curta vida, que, como define Vigotski (2021), formam uma identidade e um posicionamento, muitas vezes, silenciados. Como saber o que se passa internamente e como esses estudantes enxergam e entendem sua realidade? A prática do *Slam* no espaço escolar, possibilita a criação de um ambiente onde as/os estudantes, se expressem. Quando o *slammer* manifesta sua identidade através de um poema de

três minutos, se forma um ato de empoderamento, pode ser a válvula da expressão reprimida (Neves, 2017).

A escola é um espaço único para a promoção da consciência, sendo necessário construir práticas educativas em que a questão da diferença e do multiculturalismo se façam cada vez mais presentes. É preciso ver a escola como um espaço de cruzamento de culturas, atravessado por tensões e conflitos, um espaço de promoção da inter-relação entre diferentes grupos culturais presentes em uma determinada sociedade (Candau, 2008).

O acesso ao conhecimento, somado ao respeito às experiências culturais e as relações sociais, pode contribuir como um suporte no desenvolvimento da/do aluna/o como sujeito sociocultural, além do aprimoramento de sua vida social, situação expressa no verso: “[...] e por mais que pareça pouco nossa luta vai começar na poesia na liberdade de expressão a salvação serão os versos e vai ter defesa de uma favela que eu tenho certeza que ainda tá viva [...]” (Assunção et al., 2021, p. 67). O sentido do saber é uma conquista da/do estudante e da professora e do professor. Em nossa realidade, é uma luta para aproximar saberes. Dessa forma, torna-se necessário a ampliação de práticas que busquem entender a escola na sua dimensão transformadora e relacionada com o cotidiano, imersa na realidade social do espaço que ela ocupa na comunidade, melhorando o nosso olhar sobre o papel da instituição, seu papel no processo educacional e na formação de seus sujeitos, contribuindo, assim, para a problematização da sua função social (Dayrell, 2007).

Para Dayrell (1996), é importante observar o papel que cada sujeito desempenha na escola. Esses papéis são construídos nas relações estabelecidas no ambiente escolar, sendo a sala de aula um espaço de despertar dessas funções. O autor aponta que os papéis levam em consideração a identidade que cada um veio construindo, até aquele momento, em diálogo com a tradição familiar e com suas experiências pessoais, pois esse “é um diálogo com estereótipos socialmente criados, que terminam por cristalizar modelos de comportamento, com os quais os estudantes passam a se identificar” (Dayrell, 1996, p. 20). Com efeito, a construção do papel desses jovens, como estudantes, acontece a partir das suas relações, das suas vivências.

O estudante aprende quando, de alguma forma, o conhecimento se torna importante para ele, ou seja, quando estabelece relações sentidas e não arbitrárias entre o que se aprende e o que já conhece. Não se pode “haver conhecimento pois os educandos não são chamados a conhecer, mas a memorizar o conteúdo narrado pelo educador” (Freire, 1988, p.45). É um processo de construção de sentidos, mediado por sua percepção sobre a escola, pelas professoras e professores e sua atuação, por suas expectativas e pelos conhecimentos prévios que já possui. A aprendizagem implica, assim, estabelecer um diálogo entre o conhecimento a ser ensinado e a cultura de origem da/o aluna/o (Dayrell, 1996).

Dessa forma, para a aprendizagem se efetivar, é necessário levar em conta a/o aluna/o em sua totalidade, retomando a questão do educando como um sujeito sociocultural, quando sua cultura, suas percepções e suas aspirações são mediadoras no processo de ensino e aprendizagem, bem como descrito neste verso: “[...] eu não vou deixar a sociedade colocar uma corda no meu pescoço empurrar meu futuro brilhante e me deixar presa no que seria meu destino [...]” (Assunção et al., 2021, p. 67). O empoderamento do saber mobiliza novas aspirações e desejos para o futuro. Uma conscientização que arranca o destino do saber da mão de terceiros e promove uma reapropriação.

Para Orrú (2018), a BNCC representa essa falta de acesso dos estudantes a um currículo ou prática educativa, que possibilite um diálogo com a realidade do aluno. Apesar de citar o *Slam*, como forma de linguagens das juventudes, a BNCC apresenta "um modelo homogeneizador de ensino, de avaliação, de currículo, de professorado e de escola que dita o ritmo em que cada aluno deve aprender" (Orrú, 2018, p.144). Dessa forma, a BNCC acaba se apresentando como um paradigma que fere à diversidade, e quando alinhada há uma escola rígida e uma pedagogia estreita, ela refirma e "restringe a autonomia dos espaços de aprendizagem pois não se centra nas características diversas e singularidades do Brasil" (Orrú, 2018, p.144). Práticas como a do duelo *Slam*, representam a possibilidade de a educação estabelecer um diálogo com a realidade dos/as estudantes e auxiliar na resolução de dificuldades presentes no dia a dia da educação básica brasileira.

Identidade

Pensando na construção da identidade, podemos trazer a proposta de Vigotski (2008) para o debate. Para ele, a construção da identidade humana é fruto de uma contínua tentativa de “instalar-se” de uma maneira segura no mundo. O ser humano organiza suas experiências numa ordem significativa, por meio do conhecimento adquirido ao longo dos anos e das interpretações construídas em sua mente. Nele, estão articuladas suas referências de mundo e de si mesmo, seus conceitos, suas crenças, suas ideias, seu habitat e suas relações sociais. Dessa forma, compreender a identidade é compreender a relação indivíduo-sociedade. O indivíduo atua interferindo no mundo e, ao mesmo tempo, é afetado por esta realidade, constituindo seus registros.

A seguir, em consonância com as reflexões sobre o debate de identidade e a poética/prática do Slam, destacamos a poesia de José Wallisson de Farias Santos, 13 anos, apresentada no Slam Interescolar-SP de 2018.⁶

Meu nome é José Wallisson
Leão do Norte me chamam
Sou filho de Williane e vó Edite
Alagoas é minha terra
Leão fugido pra casa da vó
Coração abrigo
Contra a vida seca do pai que bate na
mãe
De onde venho trago memória
E sentimento de paz e guerra
Foram muitos caminhos até São Paulo
chegar
Os três retirantes buscavam vida nova
e sadia
Deixamos para trás as pedras de um
caminho de uma vida Severina
Para o passado um novo destino
Para a violência o coração

Para o ódio paz renovada
Para o silêncio nova voz ampliada
Chegamos a zona leste logo depois
recebemos a notícia
Tiros tiraram a vida de quem um dia
foi meu pai
Hoje eu o perdoo todo mal que ele me
fez
Ele também foi uma vítima
A minha vingança não é escrever esse
poema é ser poesia
Hoje nesse ato de coragem conto
minha própria história
Para que cruze os fios de outras mais
E te convide a não só poetizar a sua
história
Mas a poemar a própria vida

⁶ Assunção, C. A.; Jesus, E. A.; Santos U. S. (2021). *Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas: Slam Interescolar-SP*. São Paulo: LiteraRua. p. 121.

Segundo Vigotski (2008), o processo em que o indivíduo internaliza seus conceitos fornecidos pela cultura não é um processo de absorção passiva, mas de transformação, de síntese, condição presente no exercício de tornar-se ação evidenciado neste verso: “[...] A minha vingança não é escrever esse poema é ser poesia [...]” (Assunção et al., 2021, p. 121). Nesse sentido, o conteúdo apropriado pelo indivíduo em suas interações cotidianas possui um significado de mudança não estático, mas na condição de ser transformação, um sentido compartilhado socialmente por membros pertencentes a uma mesma cultura, mas incontestavelmente movente. Ao se apropriar dessas relações culturais, esse conteúdo sofre uma síntese comprometida com o sentido pessoal que cada indivíduo atribui. Assim, a prática do *Slam* envolve a formação do sujeito *slammer* e do sujeito espectador, à medida que expressões, opiniões e ideias são compartilhadas naquele meio social, sendo que cada indivíduo atribui internamente o seu sentido para a formação de sua identidade, tal como fica visível neste verso: “[...] Hoje nesse ato de coragem conto minha própria história [...]” (Assunção et al. 2021, p. 121).

Assim, a identidade individual constitui-se a partir das relações intersubjetivas. O plano individual não se constitui numa mera transposição do social; o movimento de apropriação das referências, das quais se dispõe o acervo social de conhecimento, envolve a atividade do sujeito e contém a possibilidade do novo, da criação. Ao expor na poesia suas ideias, o *slammer* apresenta uma identidade composta de todo o universo que está inserido; nem sempre suas palavras representam exatamente o que ele vivenciou, mas algo que ele ouve e sente, estando relacionadas ao universo ao qual ele pertence, situação também perceptível no verso: “[...] De onde venho trago memória [...]” (Assunção et al., 2021, p. 121).

Para Ciampa (1984, p. 74), “Identidade é movimento, é desenvolvimento concreto. Identidade é metamorfose”. A construção da identidade não possui uma identidade fixa, essencial ou permanente, ela é móvel, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou questionados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

No *Slam*, evidenciam-se as questões relativas à identidade a partir da linguagem. As poesias, as palavras e os bordões em suas poesias reforçam isso. São essas poesias e essas apresentações que criam marcas para reforçar o sentido de coletividade e autoestima. Para Ciampa (2007, p. 137), “[...] identidade é o reconhecimento de que é o próprio de quem se trata; é aquilo que prova ser uma pessoa determinada, e não outra”. A identidade é um marco pessoal e linguageiro que define sua condição e a liberta para mudanças contínuas, como descreve o autor: “[...] Sou filho de Williane e vó Edite Alagoas é minha terra Leão fugido pra casa da vó Coração abrigo Contra a vida seca do pai que bate na mãe [...]” (Assunção et al., 2021, p.121).

Dias (2006), em seu texto “A estratégia da revolta: literatura marginal e construção da identidade”, oferece importante contribuição para esse debate. A autora propõe uma análise relacionando a revolta do sujeito a partir da literatura marginal e como essa forma de linguagem está comprometida com a afirmação identitária das comunidades das periferias urbanas. É essa revolta que vai tirá-lo da solidão, instaurando um objetivo, uma razão para sua ação. Essa voz revoltada se expressa e, de certa forma, é condutora nos textos da literatura marginal.

Assim, a prática do *Slam* busca dialogar com o contexto social e reafirma sua identidade cultural. Pertencer à mesma cultura é adentrar ao mesmo universo conceitual e linguístico. Compartilhar esses aspectos é enxergar o mundo pelo mesmo mapa conceitual e extrair sentido dele pelos mesmos sistemas de linguagem. O *Slam* como prática educativa dá voz ao educando, que encontra nessa prática maneiras diferentes de se expressar e contestar sua realidade. Através dessa liberdade linguística, os/as estudantes reafirmam sua identidade, dialogam com o seu *habitat* social, uma linguagem da periferia, das ruas, que estabelece relações com os diferentes contextos sociais, interligando os sujeitos e suas identidades em contexto global.

Bandeiras como o combate ao racismo e ao machismo, a defesa da liberdade de expressão, do direito de ir e vir, a ausência de acesso aos bens e serviços e violência compulsória de nossa sociedade tornam-se instrumentos que aglutinam e formam a identidade desse sujeito. Temáticas recorrentes e presentes nos poemas, como demonstrado a seguir, são instrumentos de existir e resistir: “Para o passado um novo destino. Para a violência o coração. Para o ódio paz renovada. Para o silêncio nova voz ampliada. Chegamos à zona leste logo depois recebemos

a notícia. Tiros tiraram a vida de quem um dia foi meu pai [...]” (Assunção et al., 2021, p.121). A identidade expressada na prática do *Slam* demonstra essa perspectiva da/o sujeito da atualidade, pois o que aglutina são questões pontuadas pela realidade do indivíduo, inseridas em determinado contexto social e histórico. Desse modo, o *Slam*, como representação da identidade do educando, torna-se prática que possibilita aos adolescentes expressar suas ideias e pensamentos, que muitas vezes são cerceados no sistema educacional.

Reexistência

Para Vigotski (2008), ao expressar suas ideias sobre a realidade na qual a/o indivíduo se insere, a consciência não se reproduz passivamente, mas de maneira ativa, criativa, transformando suas concepções práticas sobre a realidade. Nesse contexto, as relações sociais da/do indivíduo se apresentam como mediadoras na construção da identidade, pois o que ocorre não é a interiorização de algo de fora para dentro, mas a conservação de alguns elementos da realidade social em algo que, mesmo permanecendo “quase social”, se transforma num elemento constitutivo do sujeito; um ato de reexistir.

O significado socialmente compartilhado, ao ser internalizado na adoção da posição identitária, recebe um sentido pessoal, uma nova configuração, sintética e qualitativamente distinta que, embora impregnada de representações sociais, é apropriada de forma singular e individual. Dessa forma, a prática do *Slam* insere-se no contexto que Souza (2011) chama de processo de “reexistência”.

Em seguida, expomos a poesia de Nicole Amaral Serra, 16 anos, apresentada no *Slam* interescolar-SP de 2019, que ilustra nosso debate sobre a reexistência⁷

Vocês queriam alguém que
resolvesse o problema com a
própria mão,

Mas não cogitaram o fato das
mãos estarem na verba da
educação.

Mataram gritando o nome de Deus
Mas isso se tornou hilário

Você planta ódio na vida
mas acha mesmo que vai pro céu
por 10% do seu salário??

⁷ Assunção, C. A.; Jesus, E. A.; Santos U. S. (2021). *Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas: Slam Interescolar-SP*. São Paulo: LiteraRua. p. 144-146.

Esconderam suas verdades atrás
de novelas e atores
Acredite nos rumores
Somos meros telespectadores
pensando assim como querem os
editores.

Maldita mídia social
que nos faz pensar que o país
precisa de ditadores

Maldita rede social
Que faz com que nos sintamos
Inferiores
E no final da história, somos
fantoques de narradores
Maldita mídia social que nos
faz pensar que a razão é
dos agressores.

Maldita rede social, que nos
vende a verdade de deputados
e senadores

É o apartheid cultural, onde
não lembramos quem foram
nossos autores.

É o preconceito racial onde
esquecemos quem foram os
nossos locutores.

É a desigualdade intelectual,
que nos fez esquecer de todas as
greves dos professores.

E essa é a verdade, a verdade que
ninguém nega,
porque antes uma verdade que dói
do que a mentira que cega.

A socióloga Bell Hooks (2017) reafirma que o processo educacional não deve ser uma mera formalidade de repasse de informação. Entender que os estudantes são seres humanos dotados de experiências e não simples espaços vazios para preenchimento com conteúdo curricular é um passo para a superação do modelo de educação bancária⁸, tão bem definido pelo pedagogo Paulo Freire (Hooks, 2017).

Quando pensamos no *Slam* como espaço de resistência, estamos refletindo acerca do espaço dentro do ambiente escolar para a/o aluna/o se manifestar contra essa ideia bancária de educação, onde ele reafirma a importância de se ouvir dentro desse processo de formação; quando ele se apresenta como ser humana/o informado, dotado de sentimentos e pensamentos,

⁸ Para Paulo Freire, a concepção bancária de educação, nega o diálogo, à medida que na prática pedagógica prevalecem poucas palavras, já que “o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados” (Freire, 2006, p. 68). No mesmo campo, Bell Hooks (2017, p.26) defende o conceito de uma pedagogia que rompe com o modelo bancário, a pedagogia que por intermédio de engajamentos críticos, propõe “um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender”.

expressões presentes nos versos seguintes: “[...] Esconderam suas verdades atrás de novelas e atores. Acredite nos rumores. Somos meros telespectadores pensando assim como querem os editores. [...]” (Assunção et al., 2021, p.144). A/o estudante compreende o contexto e busca demonstrar querer mais informações ligadas às suas experiências, a um conhecimento que respeite o seu entendimento de mundo e que busque dialogar com a sua realidade (Hooks, 2017).

Ainda segundo a autora, as/os estudantes são frequentemente silenciados por meio de um processo de aceitação, um condicionamento oriundo dos valores burgueses e reproduzido na escola, nos veículos de comunicação e refirmados por professoras/es, diretoras/es e funcionárias/os. São valores que pregam a manutenção da ordem, respeito inquestionável das regras e o silêncio, posicionamentos elucidados nos versos, como este: “[...] E no final da história, somos fantoches de narradores. Maldita mídia social que nos faz pensar que a razão é dos agressores [...]” (Assunção et al., 2021, p. 145). Por mais que as/os alunas/os tentem romper com esse padrão de comportamento, internamente, esses versos refletem uma preocupação total pela preservação da ordem, resultando em um medo de manifestar suas idéias, medo de não serem bem recebidas pelos seus pares, medo que leva ao silêncio. Tais padrões impostos pelo sistema educacional desconstroem toda a possibilidade de diálogo construtivo.

Embora os estudantes entrem na sala democrática acreditando que tem direito a “livre expressão”, a maioria deles não se sente à vontade para exercer esse direito à livre expressão – especialmente se ela significa que eles deem voz a pensamentos, ideias e sentimentos que vão contra a corrente, que não são populares. Esses processos de censura é apenas uma das maneiras pelas quais os valores burgueses super determinam o comportamento social na sala de aula e minam o intercâmbio democrático de ideias (Hooks, 2017, p. 237).

E é pensando em romper essa ideia mecânica da educação que a prática do *Slam* se apresenta como um processo de resistência, ou, como definida pela professora Ana Lucia Silva Souza (2011), um processo de reexistência: quando o estudante resiste ao processo excludente do sistema educacional e refirma sua existência e sua identidade nos seus versos. Como o *Slam* é uma prática inserida na cultura *Hip Hop*, ele traz em sua essência a legitimidade de um

processo cultural marcado pela heterogeneidade e totalmente envolvido com as “vivências”. Baseado no conceito de Perijvanie de Vigotski (2010), Monteiro e Monteiro (2020, p. 705) descrevem-no como: “A vivência é a história de uma vida, do gênero, da pessoa, dos encontros da consciência com um mundo social externo e interno; afinal, é a construção contínua de histórias e de memórias que recriam a vida”. Trata-se de uma resistência identitária, consciente e culturalizada, pois tem a marca da vivência desses sujeitos como resposta às contradições de nossa sociedade.

Essa reexistência carrega o universo da cultura cotidiana do educando, levando em conta suas experiências educativas, compartilhadas no espaço escolar, e aquelas produzidas por eles na esfera do seu cotidiano. São conhecimentos, às vezes, não valorizados socialmente, mas importantes para as vidas dos estudantes, oriundos de suas raízes familiares e de sua cultura (Souza, 2011).

Considerações finais

Este texto visou tanto inserir a prática do *Slam* na discussão de identidade e interculturalidade como apresentar a prática educativa do *Poetry Slam* como forma de favorecer uma visão dinâmica, contextualizada e plural das nossas identidades culturais, articulando-se à dimensão pessoal e coletiva do processo educacional e de interação social. Esse texto busca entender o *Slam* como ferramenta para a construção de um processo educacional que nos torne conscientes de nossos enraizamentos culturais, dos processos de hibridização e de negação e silenciamento de determinados pertencimentos culturais. E isso nos torna capazes de reconhecê-los, nomeá-los e trabalhá-los.

Com base nesta pesquisa ressalta-se a necessidade de produzir novos estudos sobre o *Slam* e as relações de gênero, em específico sobre a potencialidade relativa ao empoderamento feminino e suas temáticas correlatas, e inferi que poemar a própria vida é narrar de forma lírica sua vivência, resgatando suas experiências sem anseios e prerrogativas impostas pela organização social. É narrar sua identidade cultural como uma alternativa viável para a educação; é uma forma de criar um espaço no ambiente escolar que favoreça a tomada de

consciência da construção da nossa própria identidade cultural, dentro de uma relação com os processos socioculturais do contexto em que vivemos e da história do nosso país.

Referências

- Assunção, C. A., Jesus, E. A. & Santos, U. S. (2021). *Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas: Slam Interescolar-SP*. São Paulo, SP: LiteraRua.
- Candau, V. M. (2008). Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. *Revista Brasileira de Educação*, 13(37), 45-56.
- Candau, V. M. (2011). Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. *Currículo sem Fronteiras*, 11(2), 240-255.
- Ciampa, A. C. (2007). *A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social*. São Paulo, SP: Brasiliense.
- Ciampa, A. C. (1984). Identidade. In: W. Codo & S. T. M Lane (Orgs.). *Psicologia social: o homem em movimento* (pp. 58-75), São Paulo: Brasiliense.
- D'alva, R. E. (2011). Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – O poetry slam entra em cena. *Synergies Brésil*, 9, 119-126.
- Dayrell, J. T. (1996). A escola como espaço sociocultural. *Educação em Revista*, 15, 21-29.
- Dayrell, J. T. (2007) A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação e Sociedade*, 28(100), 1105-1128.
- Dias, A. M. D. (2006). A estratégia da revolta: literatura marginal e construção de identidade. *Estudos da Literatura brasileira contemporânea*, 27, 11-21.
- Freire, P. (2006). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, SP: Paz e Terra.
- Freire, P. (1988) *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo, SP: Paz e Terra.
- Hooks, B. (2017). *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo, SP: Editora Martins Fontes.
- Marconi, M de A., & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos da metodologia científica*. São Paulo, SP: Atlas.
- Monteiro, J. A. T. & Monteiro, D. T. T. (2020). O conceito de perejivânie na prática educacional: um encontro com educadores sociais musicistas. *Revista Vale*, 18(1), 703-712.
- Neves C. A. de B. (2017). *Slams - Letramentos Literários de Reexistência ao/no mundo contemporâneo*. *Linha D'Água*, 30(2), 92-112.

- Orrú, S. E. (2018). Base Nacional Comum Curricular: à contramão dos espaços de aprendizagem inovadores e inclusivos. *Revista Tempos e Espaços em Educação*. 11(25), 139-152.
- Souza, A. L. S. (2011). *Letramentos de reexistência - poesia, grafite, música, dança: Hip-Hop*. São Paulo, SP: Parábola.
- Vigotski, L. S. (1999). *Psicologia da Arte*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2008). *Pensamento e Linguagem*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2010). Quarta aula: a questão do meio na pedologia. Tradução de Márcia Pileggi Vinha e Max Welcman. *Psicologia USP*, 21(4), 681-701.
- Vigotski, L. S. (2021). *Psicologia, Educação e Desenvolvimento: Escritos de L.S. Vigotski*. Organização e Tradução de Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. São Paulo, SP: Expressão Popular.
- Vygotski, L. S. (1995). Historia del Desarrollo de las Funciones Psíquicas Superiores. In L. S. Vygotski (Ed.), *Obras Escogidas*. (p. 119-126), Tomo III. Madrid: Visor/MEC.

Recebido: 18/01/2023
Aceito: 01/04/2023
Publicado: 30/06/2024

NOTA:

Os autores foram responsáveis pela concepção do artigo, pela análise e interpretação dos dados, pela redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito e, ainda, pela aprovação da versão final publicada.